

Provocações

André Sobral

**Que se faça luz: educadores cosmonautas
ou
por que viver este mundo se há outro mundo?**

Houve um tempo, em uma época que é tão comumente associada à criatividade e inocência, em que a pergunta construía o mundo. “Por que a nuvem parece tão macia flutuando lá no céu se ela é feita de água como o resto do mar?”, era o que eu me perguntava observando o céu à beira da praia. “Cogito, ergo sum” responderia Descartes, explicando a curiosidade infantil sobre o funcionamento do mundo. A criança, como um ser racional que existe e pensa, portanto é, busca suas explicações sobre o mundo que está ao seu redor. Confunde-se consciência (conhecer a si) com razão (julgar, calcular). Desta forma, a nuvem que antes era feita de algodão doce, deixa o reino encantado para consolidar-se, na verdade, como feita de água e parte da realidade. É um processo “natural” que não só a criança, mas toda nossa civilização também passou, é o “desencantamento do mundo” explica Max Weber. Ela irá a escola e aprenderá sobre a ciência, não se contentará mais com as explicações mágicas, sobrenaturais ou divinas, ela irá amadurecer e descobrir a verdade. Eu, como outras crianças que frequentaram a escola, fui agraciado com toda a iluminação científica, fiz o caminho da ignorância para tornar-me um jovem aspirante a cavaleiro, eventualmente um sábio mestre e finalmente um professor amante do conhecimento. Professor é aquele que professa, e só a fé na verdade consegue transformar o mistério da existência em uma única gênese. Mas e o educador? Ele não depende das certezas, das verdades ou dos conteúdos, ele apenas serve de guia para o lado de fora, ele explora como um cosmonauta, ele sabe que é possível outros mundos, outras rainhas nos congelados, outras escolas que desfilam, um multiverso de outras narrativas contadas por Marias, Mahins, Marielles e Malês.